

# Imagens dos autóctones americanos: entre os registros oficiais e a ficção híbrida

---

## *Images of American Auctones: Between Oficial Records and Hibrid Ficiton*

Gilmei Francisco Fleck\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Cascavel - Unioeste

Rodrigo Smaha Lopes\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Cascavel - Unioeste

---

465

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo mostrar - por meio do contraponto entre os documentos oficiais: o *Diário* de bordo Colombo (1492) e *A carta* de Caminha (1500), e o gênero romance histórico produzido nas Américas - como a literatura buscou revelar à sociedade outras imagens dos nativos que não aquelas estereotipadas dos documentos históricos produzidos pelos europeus. Tais registros deram conta de seus aspectos físicos e psíquicos de forma taxativa, desvalorizando os nativos, vistos como seres fáceis de dominar, catequizar e escravizar. Acreditamos que as imagens literárias dos autóctones americanos, integrantes das sociedades híbridas e mestiças das nações que se formaram em terras americanas, e que foram menosprezadas pelo discurso histórico hegemônico, passaram a ter outra representatividade no continente após o advento do gênero híbrido inaugurado por Walter Scott (1771-1832) em 1814, conforme buscamos evidenciar ao longo do texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance histórico. Autóctones Americanos. Américas.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista/Assis.

\* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Cascavel. Bolsista da Fundação Araucária.

**ABSTRACT:** This article aims at showing - through the contrast between the official documents: Columbus's Journal (1492) and Caminha's Letter (1500), and the Historical Romance genre produced in the Americas - how literature has sought to reveal to society other images of the natives than those produced by Europeans in stereotypical historical documents, which account for biased physical and psychological aspects, devaluing the natives, seen as easy beings to dominate, catechize and enslave. We believe that the literary images of the autochthonous Americans, members of the mestizo and hybrid societies from the nations that were formed on American soil that were overlooked by the hegemonic historical discourse, started having another representativeness in the continent after the advent of the hybrid genre inaugurated by Walter Scott (1771-1832) in 1814, as we seek to demonstrate in this text.

**KEYWORDS:** Historical Novel. Autochthonous Americans. Americas.

Pode-se ter uma ideia aproximada do alcance que obtiveram os primeiros registros feitos pelos europeus sobre as terras e as gentes por eles encontradas do outro lado do Atlântico, em 1492 e 1500, quando vemos que a principal concepção que permeia o imaginário da população em geral sobre o nativo ainda é aquela tradicionalmente veiculada por essas descrições primeiras dos europeus. Se não essas, então, são aquelas imagens folclóricas: um ser caracterizado por ter pinturas corporais, sujeitos que usam abundantes adereços de penas e que andam nus, moradores das florestas, entre outras imagens que se perpetraram nos registros da história, assim como as que são estereotipadas nos meios midiáticos.

466

Isso ocorre em decorrência das primeiras imagens do olhar eurocêntrico que de nossa gente produziu Cristóvão Colombo em seus escritos do *Diário de bordo* (1492-1493), um texto supostamente informativo sobre sua viagem que foi entregue aos Reis Católicos, Fernando e Isabel, e que permitiu à Europa do final do século XV criar todo um imaginário sobre o então recém-descoberto "Novo Mundo". A descrição que faz o marinheiro nesse relato criou certos estereótipos do nativo americano que, em muito, seguem vigentes nas sociedades atuais. São imagens que revelam os autóctones como dóceis, amigáveis, hospitaleiros, receptivos, colaboradores, belos e sensuais, entre

outras características que revelam a facilidade com que se poderia dominá-los.

Vejamos, pois, uma das passagens desse texto, que também se tornou inaugurador da Literatura nas Américas, no qual se pode observar o momento em que o nativo é alvo da observação e da configuração primeira do europeu, constante da entrada do dia 11 de outubro de 1492:

Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mugeres, aunque no vide más de una farto moza, y todos los que yo vi eran todos mancebos, que ninguno vide de edad de más de XXX años, muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruesos cuasi como sedas de cola de cavallos e cortos. Los cabellos traen por encima de las cejas, salvo unos pocos detrás que traen largos, que jamás cortan. D'ellos se pintan de prieto, y (d')ellos son de la color de los canarios, ni negros ni blancos, y d'ellos se pintan de blanco y d'ellos de colorado y d'ellos de lo que fallan; y d'ellos se pintan las caras, y d'ellos todo el cuerpo, y d'ellos solos los ojos, y d'ellos solo el nariz (VARELA, 1997, p. 62-63).

Nessa passagem Colombo retrata o primeiro contato que travou com os “índios”, em 12 de outubro de 1492, embora esse dia não apareça registrado no relato de forma explícita. Os Europeus foram recebidos, em terra e nas embarcações, por pessoas nuas, jovens, com um bom físico, de boa aparência, de cor parda e com pinturas corporais. O marinheiro, em sua tentativa de configurar em palavras a realidade tão diferente com a qual se enfrentava - e, por certo, muito distinta daquela que imaginava encontrar em Cipango ou Cathay (Japão e China), destinos planejados de sua viagem -, passa a fazer detalhadas descrições e comparações dos autóctones com animais e outros referentes conhecidos em sua própria realidade. Tais estratégias auxiliariam e facilitariam a formação do imaginário sobre a população ameríndia àqueles que estavam na Europa, receptores prováveis de seu relato. Na sequência do *Diário*, podemos ver que se registram - ainda na entrada de 11 de outubro de 1492 - novas observações do europeu em relação aos autóctones com os quais se encontrou em sua primeira aventura em nosso continente, mais precisamente nas ilhas caribenhas, mencionado que

[...] ellos no traen armas ni las cognoscen, porque les amostré espadas y las tomavan por el filo y se cortavan con ignorancia. No tienen algún fierro; sus azagayas son unas varas sin fierro y algunas dallas tienen al cabo un diente de pece, y otras de otras cosas. Ellos todos a una mano son de buena estatura de grandeza y buenos gestos, bien hechos. Yo vide algunos que tenían señales de heridas en sus cuerpos, y les hize señas qué era aquello, y ellos me mostraron cómo allí venían gente de otras islas que estaban acerca y les querían tomar y se defendían. Y yo creí e creo que aquí vienen de tierra firme a tomarlos por captivos (VARELA, 1997, p. 62-63).

Vemos pela descrição feita por Colombo que os nativos que havia encontrado não tinham chegado à idade do ferro e nem mesmo à do bronze, pois suas armas eram feitas de madeiras, pedras e partes de animais. Tal fato deve ter deixado os europeus contentes, tendo em vista à facilidade da dominação, considerando-se a superioridade bélica que eles possuíam. Temos ainda, no mesmo trecho, a primeira menção aos ataques de uma tribo a outra, inimigos com os quais os nativos tinham que lutar a fim de proteger seu território e suas vidas. Logo em seguida, Colombo trata da presumida facilidade de catequização dos nativos e da ausência de animais que algum perigo pudessem acarretar aos europeus:

Ellos deven ser buenos servidores y de buen ingenio, que veo que muy presto dizen todo lo que les dezía. Y creo que ligeramente se harían cristianos, que me pareció que ninguna secta tenían. Yo plaziendo a Nuestro Señor llevaré de aquí al tiempo de mi partida seis a Vuestras Altezas para que deprendan hablar. Ninguna bestia de ninguna manera vide, salvo papagayos en esta isla (VARELA, 1997, p. 63).

Aos olhos do europeu, bastam alguns instantes de contato para que se registre, e em grande parte se perpetue na história, que os autóctones não tinham uma organização religiosa/social e, portanto, poderiam ser cristianizados. São, nesses registros, vistos também como meros objetos exóticos que se decide levar para serem expostos aos Reis que financiaram o empreendimento e demais habitantes europeus em um possível regresso à terra de origem.

Há, portanto uma série de “mal entendidos” nesses contatos primeiros. Contudo, tais percepções equivocadas um do outro se fizeram o princípio de todo o processo de formação das nações latino-americanas, construídas com base no discurso de superioridade dos europeus e a submissão tanto dos autóctones como, mais tarde, dos africanos trazidos ao continente. Este parece ter sido um fator cultural, inclusive, percebido pelos recém-chegados, uma vez que Colombo anota em seu *Diário*, na entrada de 14 de outubro de 1492, dois dias depois de haver pisado nas praias do caribe: “[...] y entendíamos que nos preguntavan si éramos venidos del cielo. Y vino uno viejo en el batel dentro, y otros a bozes grandes llamavan a todos, hombres y mugeres: ‘Venid a ver los hombres que vinieron del cielo, traedles de comer y beber’” (VARELA, 1986, p. 66). Nos registros dos marinheiros sobressai a visão exaltadora da natureza americana e a singeleza de suas gentes, aspectos que fazem das terras um paraíso e dos nativos seres fáceis de conquistar, conforme se percebe no fragmento do *Diário*: “[...] esa gente es muy simplice en armas [...] que Vuestras Altezas quando mandaren puédenlos todos llevar a Castilla o tenerlos en la misma isla captivos, porque con cincuenta hombres los ternán todos sojuzgados, y les harán hazer todo lo que quisieren” (VARELA, 1986, p. 66).

Essas imagens primeiras - projetadas sobre os nativos do caribe americano, especificamente sobre os integrantes da tribo Taina, encontrados por Cristóvão Colombo na ilha de Guanahaní - também evidenciam ecos nas imagens registradas n’A *Carta* de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel I de Portugal, com observações detalhadas que tratavam da aparência e dos costumes dos nativos das terras do Brasil, como se pode observar no fragmento a seguir:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. [...] pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. [...] Os cabelos deles são corredios. E

andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas (CAMINHA, 1965, p. 9; p. 12-13).

São registros descritivos muito semelhantes aos realizados por Colombo a cerca dos nativos caribenhos. No entanto, o que impressionou mais ao português foi a beleza das nativas e a inocência delas pelo fato de não utilizarem nada para cobrir a genitália, assim como os homens, e isto não as incomodar, e que a “graciosidade da vergonha” das mulheres deixaria as lusitanas com inveja. Tais descrições nessa *Carta* se fazem possíveis, pois trata-se de um emissor masculino a outro destinatário masculino, ao contrário dos registros de Colombo, pensados, em primeira instância, para serem entregues à rainha Isabel. Vejamos, pois, como se efetua essa missiva ao Rei Dom Manuel I:

[...] E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. [...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. [...] uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela (CAMINHA, 1965, p. 16, p. 21, p. 23).

São essas imagens que irão difundir-se nas demais escritas sobre nossas terras, criando um imaginário exótico/erótico acentuado e convidativo para muitos aventureiros europeus que aqui viverão “as delícias do paraíso”. Há nessa missiva, também, informações específicas sobre certos hábitos, não encontradas no *Diário* de Colombo (1492), já que se tratam de descrições sobre habitantes de distintas partes do continente. Um desses casos é com relação ao costume de alguns nativos das terras visitadas por Pero Vaz de Caminha terem os lábios furados por ossos:

Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. [...] que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber (CAMINHA, 1965, p. 12-13).

Essa passagem, que mostra o uso do botoque pelos nativos, é apenas uma das quais Caminha destaca os adornos indígenas, demonstrando como o exotismo dos autóctones chamou sua atenção.

Outra informação que a *Carta* de Caminha evidencia ao Rei Dom Manuel I é que os nativos por eles encontrados não conheciam a domesticação de animais; até conheciam a agricultura, mas esta era rudimentar, restrita a mandioca e ao amendoim:

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos (CAMINHA, 1965, p. 50-51).

471

Vemos, assim, que esses registros buscam evidenciar as imagens exóticas e diferentes, valendo-se, sempre, de comparações com referentes conhecidos do receptor. Outra imagem exposta nesta *Carta* e que ainda faz parte de nossa realidade é o costume, principalmente entre as comunidades indígenas, de a mãe carregar o filho envolto em panos, como mostra a passagem a seguir:

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou menina, atado com um pano aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum (CAMINHA, 1965, p. 33).

A nudez dos habitantes nativos foi um dos fatores que mais impressionou os recém-chegados europeus, ou no continente ou nas ilhas do caribe. Assim como Colombo (1492), Caminha também faz comparações dos nativos com

animais, relata a inocência destes e fala da presumida facilidade que teriam em catequizá-los, como podemos observar no trecho a seguir de sua *Carta*:

[...] deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva. Mas apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montezinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais! E isto me faz presumir que não tem casas nem moradias em que se recolham; e o ar em que se criam os faz tais. [...] Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. [...] bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza (CAMINHA, 1965, p. 37, p. 49, p. 56).

Os escritos destacam, pois, a visão dos europeus sobre o que consideram a ignorância dos nativos frente às novidades trazidas do Velho Mundo, sua simplicidade, a fácil dominação que se poderia exercer sobre eles, sua formação física - que lhes parece muito boa -, sua inocência com relação ao pudor sexual e à nudez, além de sua pré-disposição para à catequização.

472

O texto de Colombo foi entregue à rainha Isabel, em 1493, após o regresso de parte de sua frota que atingiu as ilhas do Caribe. O original acabou perdendo-se entre as tantas andanças da corte itinerante espanhola dessa época. Contudo, esse documento tornou-se novamente importante anos depois da aventura do marinheiro, quando o frei Bartolomé de las Casas, em seu intento de proteger os autóctones americanos das ações exploratórias dos europeus, reeditou o *Diário*, a partir de uma das cópias que encontrou, em Salamanca, em muito mal estado de conservação. Las Casas, então, reescreveu o *Diário*, no qual, segundo registra Milton (1992, p. 173),

[...] coexistem as palavras e expressões literais de Colombo, em primeira pessoa e devidamente assinaladas por aspas; a mediação lingüística que realiza Las Casas ao transcrever, em terceira pessoa, as colocações originais; além dos comentários, explicações e reflexões pessoais que insere o próprio compilador sobre as informações que maneja.



Com relação à *Carta* de Pero Vaz de Caminha, ao chegar a Portugal, foi passada à secretaria de Estado como documento secreto, pois se queria evitar que chegasse aos espanhóis a notícia do “descobrimento” dessa grande porção de terra ao sul das ilhas encontradas por Colombo. A missiva de Pero Vaz de Caminha ficou inédita até 1817, quando o padre Manuel Aires do Casal a inseriu na *Corografia brasileira*, dada à estampa no Rio de Janeiro. Sua existência, porém, já havia sido acusada em 19 de janeiro de 1773, por José de Seabra da Silva, Guarda-Mor da Torre do Tombo, conforme relata Massaud Moisés (1978, p. 13).

Vários reflexos dessas imagens consagradas na história primeira efetuada pelo registro escrito dos europeus - que nem sempre corroboravam com a realidade da época e muito menos com a da contemporaneidade - foram também imortalizadas por meio do romance histórico, um gênero narrativo híbrido que mistura história e ficção de forma consciente, sem pretensões de estabelecer distinções entre ambas as áreas, inaugurado no século XIX pelo escocês Walter Scott (1771-1832). O romancista foi influenciado pelo Iluminismo escocês, o maior responsável por dar forma as suas ideias sobre a história, e pelos filósofos escoceses de então. Tal escrita híbrida se instaura com as obras *Waverley* (1814), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoé* (1819).

Conforme aponta Mata Induráin (1995, p. 21), temas históricos já haviam sido abordados em outras obras “[...] pero en ellas no encontramos la voluntad de reconstruir el pasado.”, ou ainda como analisa Lukács (1977), faltava, nos romances que antecederam as produções de Scott, a especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e de agir das personagens.

No caso do Brasil, isto ocorre sob configurações bastante europeizadas como, por exemplo, na trilogia indianista de José de Alencar: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865), *Ubirajara* (1874). Nelas são apresentados nativos belos e ingênuos, ou valentes, fortes guerreiros, representando a pureza, a inocência do homem não corrompido pela sociedade, configurados de acordo com os

modelos dos cavaleiros medievais europeus, ou então de ameaçadores canibais.

Nos Estados Unidos, Fenimore Cooper (1789-1851) foi o primeiro a registrar e divulgar a fronteira, a natureza selvagem e os nativos, principalmente por meio dos *Leatherstocking Tales*, uma série de cinco obras: *The Deerslayer; or, The First Warpath* (1841); *The Last of the Mohicans* (1826); *The Pathfinder; or, The Inland Sea* (1840); *The Pioneers; or, The Sources of the Susquehanna* (1823); e *The Prairie* (1827). Porém, na literatura, em geral, conforme aponta Richardson (2003, p. 451),

[...] a figura do ‘índio’ norte-americano há muito tempo foi apropriada à história nacional e literária norte-americana, tanto como um feroz e cruel selvagem, aterrorizando os assentamentos coloniais da costa leste, ou como um símbolo da fronteira de fuga para o oeste durante a expansão. Em ambos os casos, o ‘selvagem’, nobre ou ignóbil, tem sido visto em narrativas excepcionais da história como um prenúncio, ou catalisador, para a formação da nação exclusivamente americana. No entanto, o ‘índio’ foi realmente uma figura transatlântica, assombrando a imaginação de não apenas colonos, soldados e comerciantes na América do Norte, mas também das pessoas que permaneceram na Grã-Bretanha (nossa tradução).

474

Já na América hispânica, podemos mencionar, nesse sentido, algumas obras representativas e as configurações que os nativos nestas tomaram. Entre elas está *Netzula* (1832), do mexicano José María Lacunza. Segundo comenta Sandoval (2012, p. 48), neste romance “[...] no solo no se habla de salvajes, sino que es perceptible la intención del narrador de mostrar a los indios del Anáhuac como una sociedad refinada y sofisticada, poseedora de altos valores morales y emocionales - que más parecen ideales occidentales.”. Outro exemplo é a obra *Caramurú* (1848), considerado o primeiro romance histórico uruguaio, escrito por Alejandro Magariños y Cervantes. Sobre esta obra, Fernando Aínsa (2008, [s.p.]) comenta que:

Al personaje de ‘Caramurú’ se le otorgan ‘reglas de nobleza’ y un aspecto atractivo - robusto de ojos rasgados y brillantes, con tersos y relucientes cabellos negros flotando en ‘agradable desorden’,

labios delgados -. Es arrogante y orgulloso, revelando ‘desdeñosa altivez’ y templado por cierto aire recio que subyuga o predispone a su favor.

No Peru, temos o romance *Aves sin nido* (1889), de Clorinda Matto de Turner (1854-1909), considerado “[...] por alguns críticos como uma obra precursora do Indigenismo<sup>1</sup> por tentar retratar a injustiça cometida contra os índios.” (BRAGA, 2010, p. 26) entretanto, segundo Cornejo Polar (2005), os nativos são representados como inofensivos, passivos e submissos tendo em vista a miséria a qual são expostos. E não podemos deixar de citar *Cumandá o Un drama de un salvaje* (1871), expressão máxima do indianismo, do equatoriano Juan León de Mera (1832-1894). Neste romance temos a apresentação de duas tribos - os jíbaros e os záparos - que protagonizam o romance. Na configuração artística elas possuem características opostas, como podemos observar no comentário abaixo:

[...] los jíbaros aparecen indómitos y feroces, en estado de barbarie; los záparos, que viven en contacto con la misión del padre Domingo, son naturalmente hospitalarios y sensibles. Es decir, la caracterización del indio depende de su nivel de evangelización, con la consecuente posibilidad de redención espiritual. Los záparos, por lo tanto, están presentados como civilizados y más lejos de las tradiciones ‘primitivas’ que los jíbaros (APOLO; VALAREZO, 2010, p. 37).

Tal declaração nos remete às intenções europeias de catequização dos nativos expressas no *Diário* de Colombo (1492) e na *Carta* de Pero Vaz de Caminha, evidenciando-se, assim, que na literatura tivemos exemplos de dominação europeia em relação aos habitantes do nosso continente e que nem todos foram passíveis de catequização, sendo estes caracterizados como “maus

<sup>1</sup> O Indianismo foi um projeto literário que idealizou a criação do herói nacional na figura do índio e a valorização deste; uma ideologia reivindicativa por parte dos indianistas e uma luta contra o colonialismo interno em contraposição ao indigenismo, uma vez que este último significa, segundo os indianistas, “[...] un aparato ideológico del Estado característico de América y destinado a reproducir la situación colonil interna de los pueblos indios y su condición de minorías sociológicas” (BARRE, 1982, p. 1, apud FERNÁNDEZ, 2009, [s.p.]). [tradução nossa: “um aparato ideológico do Estado, característico da América e destinado a reproduzir a situação colonial interna dos povos indígenas e condição destes de minorias sociológicas”].

selvagens”. A conversão ao cristianismo chegou a imprimir nos nativos valores alheios aos de sua cultura originária.

Por último, porém não menos importante, destacamos o primeiro romance histórico latino-americano, de autoria anônima, escrita no México e publicada na Filadélfia: *Xicoténcatl* (1826). Na obra, ao mesmo tempo em que há exemplos de personagens que possuem e mantêm características cavalheirescas do herói, mesmo em contato com novas culturas, há também aqueles antagonistas, que possuem, sim, boas características, porém após o contato que estes tiveram com os colonizadores, suas características boas foram anuladas; estes vão se tornando subordinados aos colonizadores, na esperança de que essa relação lhes seja benéfica. Todo o processo de conquista do México muda de perspectiva nesse romance, uma vez que os fatos são apresentados pela perspectiva dos nativos, em especial a de Xicoténcatl filho; ou seja, há um deslocamento do *locus* de enunciação, transferindo-o a ótica do homem europeu para o nativo. Pelo discurso ficcional, os nativos são enaltecidos e os conquistadores, sempre heroicizados pelo discurso historiográfico, são denunciados como hipócritas, falsos, inescrupulosos e gananciosos (LOPES; FLECK, 2013).

Constatamos, portanto, com base nos exemplos aqui expostos, que a literatura romântica buscou, em várias de suas expressões, trazer à sociedade outras imagens dos nativos que não apenas aquelas estereotipadas dos documentos históricos produzidos pelos europeus, como relatadas no *Diário* de Colombo (1492) e n’*A carta* de Caminha (1500).

Vale lembrar, com base em tais configurações de “bom/mau selvagem” (ROUSSEAU, 1989), que muitos nativos americanos viviam, na época da chegada dos europeus, em sociedades de subsistência de caçadores/agricultores com seus sistemas de valores significativamente distintos dos europeus. As diferenças culturais entre os nativos americanos e os colonizadores europeus e as alianças entre as demais nações ocasionaram

uma série de conflitos. Tais nativos foram forçados a assimilarem, de forma geral, a cultura dos colonizadores.

Esses processos pelos quais os nativos passaram, ou ainda, os registros dos eventos marcantes, são apreendidos por meio de escritas oficializadas que, no seu conjunto, formam a história oficial desses países. No entanto, essas enciclopédias não analisam criticamente os processos históricos, uma vez que sempre foram produzidas pelos detentores do poder. Na contemporaneidade esses escritos constituem fontes históricas que evidenciam o olhar do colonizador sobre o colonizado e, a partir desse princípio, possibilitam, inclusive, a interpretação de outras variantes sobre os fatos registrados.

No começo foram os colonizadores europeus que registraram sua visão hegemônica sobre o processo de conquista e colonização, pois eram os únicos que, naquela época, detinham o conhecimento da escrita em sua plenitude em nosso contexto. Mais tarde, na época das independências na América Latina, esses registros oficiais da história passaram a ser efetuados por uma pequena parcela da população que, em sua maioria, era descendente direta dos brancos colonizadores, que tomaram o poder político nos territórios independentes das metrópoles europeias e impuseram seus valores e formas de poder nas novas nações recém-constituídas.

Tais registros abordam o passado a partir de uma perspectiva distante da grande massa da população mestiça que constitui o contingente das nações americanas. São relatos centrados na narrativa de grandes acontecimentos e no retrato de famosos personagens históricos, representantes do poder. Neles deixou-se de lado a condição humana e a realidade sociocultural de tantos outros protagonistas: homens e mulheres comuns que, com sua força e trabalho, construíram e ergueram essas novas nações. Nas palavras de Carlos García Gual (2002, p. 19),

[...] el historiador, condicionado en su versión por los documentos,

olvida a los ya olvidados o marginados por los documentos y monumentos. Al margen de la historiografía tradicional en efecto, quedan incontables hombres y mujeres oscuros, sufridores de los grandes sucesos raramente actores de los mismos, [...] no merecen la gloria ni el recuerdo, no fulguran ni están entre los espectadores de preferencia en el espacio iluminado del mundo heroico o político.

Eis, então, a importância do romance histórico como gênero literário híbrido, cuja riqueza estética é notável e, também, como uma releitura crítica da história. Conforme aponta García Gual (2002, p. 19), “[...] el novelista puede dar palabra a los vencidos y los marginados para que éstos suministren otra versión de los hechos históricos”. Por meio da leitura desse gênero narrativo, em confronto com a versão oficial, é possível compreender as crises e a evolução das sociedades, permitindo-nos ler o passado sob diferentes perspectivas e entender os processos que ocasionaram o contexto atual. Ele atua como meio de construir uma identidade para as novas nações e, dentro dessa identidade, os representantes de diferentes classes sociais encontram um espaço de representação.

Assim sendo, baseados em tais afirmações, acreditamos que as imagens literárias dos nativos, integrante das sociedades híbridas e mestiças das nações que se formaram em terras americanas que foram menosprezadas pelo discurso histórico hegemônico, passam a ter outra representatividade no continente após o advento do romance histórico - gênero narrativo que se destaca entre as mais importantes produções latino-americanas ao nelas se reconstruir e fazer uma leitura crítica de uma época passada.

Desse modo, o discurso artístico-ficcional desempenha um papel relevante na construção e aceitação da identidade híbrida e mestiça dos cidadãos latino-americanos frente aos registros puramente históricos dos dominadores, no intuito de (re)estabelecer laços imaginários dessa realidade da colonização e preencher, assim, parte das tantas omissões da história oficial.

Vale ressaltar, nesse contexto, a relação história e romance, principalmente na primeira metade do século XIX, pois, afinal, muitos historiadores foram influenciados pelo gênero, conforme aponta Mata Induráin (1995, p. 24):

Agustin Thierry<sup>2</sup> atribuyó a la imaginación un papel decisivo en la obra del historiador, en tanto que solo ella podía vivificar los documentos; en 1824 otro historiador, Prosper de Barante<sup>3</sup>, afirmó que se había propuesto ‘restituir a la historia el interés de la novela histórica’; incluso se pensaba que era posible aprender la historia inglesa en las novelas de Scott.

Da mesma maneira que Mata Induráin (1995), Fernando Aínsa (1991) afirma que atualmente no romance encontra-se melhor representada a complexidade da história, pelo fato de a representação artística, em especial em relação aos novos romances históricos latino-americanos, possibilitar a releitura crítica do episódio histórico sob novas perspectivas, distintas daquela eleita pela historiografia oficial.

Possibilitar visões alternativas sobre o passado, assim como sobre a configuração dos homens que viveram eventos marcantes de nossa história, representa uma das mais valiosas contribuições das escritas híbridas de história e ficção. Estas novas perspectivas, seguramente, não alteram o passado, mas podem conceder aos leitores de nosso tempo possibilidades de imaginar um passado no qual as minorias, excluídos das redes de poder tiveram uma participação muito mais ativa e relevante nos eventos históricos do que buscam mostrar os registros oficiais, encarregados de erigir imagens heroicas de grandes homens do poder. Sob os olhares mais plurais da ficção, o passado também ganha tons mais mestiços, mais inclusivos e menos

---

<sup>2</sup> Agustin Thierry: Jacques Nicolas Augustin Thierry, (1795-1856), historiador francês, conhecido por ter sido um dos primeiros historiadores a trabalhar com fontes originais em seus estudos.

<sup>3</sup> Prosper de Barante: Amable-Guillaume-Prosper Brugière, baron de Barante, (1782-1866), estadista, historiador, escritor e político francês, um representante liberal sob a restauração Bourbon e um dos principais membros da escola narrativa dos romancistas históricos, que retratou episódios históricos com alto estilo literário e de maneira vívida.

hegemônicos: uma história de todos nós, não apenas as aventuras de homens de mármore...

## Referências

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, p. 82-85, 1991.

AÍNSA, Fernando. *Libros clave de la narrativa uruguaya (I)*. Caramurú. Instituto Cervantes. 2008. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/el\\_rinconete/anteriores/febrero\\_08/28022008\\_02.htm](http://cvc.cervantes.es/el_rinconete/anteriores/febrero_08/28022008_02.htm)>. Acesso em: 28 fev. 2014.

APOLO, Ramiro Miguel Saca; VALAREZO, Miguel Angel Saritama. *Humor, Sexo e Ironia en ¿Quién me ayuda a matar a mi mujer? de Carlos Carrión*. Tesis (Licenciado en Ciencias de la Educación) - Universidad Nacional de Loja, Ecuador, 2010.

BRAGA, Elda Firmo. *As dimensões estéticas da pentalogia “La guerra silenciosa”*: um espaço literário de resistência humana e de motivações ecológicas. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/eldafirmobragadoutorado.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

CAMINHA, Pedro Vaz de. *A carta de Caminha*. Estudo crítico de J. F. de Almeida Prado. Rio de Janeiro: Agir, 1965. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/caminha/index29.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/caminha/index29.html)>. Acesso em: 25 fev. 2014.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Tradução de Milton Persson. Introdução de Marcos Faerman. Notas de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM. 1984.

CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el Aire - Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*. Lima: Latinoamericana, 2003.

FERNÁNDEZ, José M. Indianismo. In: REYES, Román (Dir.). *Diccionario crítico de Ciencias Sociales. Terminología científico-social*. Madrid; México: Plaza y Valdés, 2009. t. 1-4.

GARCÍA GUAL, Carlos. *Apología de la novela histórica y otros ensayos*. Barcelona: Península, 2002.



- LOPES, R. S; FLECK, G. F. Xicotécatl (1826): primeiro romance histórico latino-americano. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2. 2013.
- MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K. et al. (Ed.). *La novela histórica. Teoría y comentarios*. Barañain: Universidad de Navarra, 1995. p. 13-63.
- MILTON, H. C. O Diário de bordo de Cristóvão Colombo: discurso da “maravilha” americana. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 32, p. 169-183, 1992.
- MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- RICHARDSON, Robbie. *Savages within the Empire: Representations of American Indians in Eighteenth-Century Britain, and: Romantic Indians: Native Americans, British Literature, and Transatlantic Culture 1756-1830* (review). *Eighteenth Century Fiction* 21.3 (2009): 451-453. *Project MUSE*. Web. 26 Feb. 2014. Disponível em: <[http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/eighteenth\\_century\\_fiction/v021/21.3.richardson.pdf](http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/eighteenth_century_fiction/v021/21.3.richardson.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2014
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Brasília; São Paulo: Universidade de Brasília; Ática, 1989.
- SANDOVAL, Adriana. Dos cuentos del siglo XIX sobre indígenas. *Literatura Mexicana*, México, v. XXIII, n. 1., p. 43-67, 2012.
- VARELA, Consuelo (Ed). *Cristóbal Colón: textos y documentos completos, Nuevas cartas*. Edición de Juan Gil. Madrid: [Alianza], 1997.

Recebido em: 31 de julho de 2014.  
Aprovado em: 11 de janeiro de 2015.